

“Queremos fazer parte da solução e não do problema”

Rui Pinto Lopes é presidente da ARP.

Associação Rodoviária de Transportadores Pesados de Passageiros. Com dois anos de existência, esta associação promete vir a dar que falar. O responsável conta aqui o que tem sido feito e o que está programado

Joana Barros

joana@publituris.wordpress.pt

Criada em Janeiro de 2008, a ARP - Associação Rodoviária de Transportadores Pesados de Passageiros, conta actualmente com cem associados. Para 2008, o objectivo é atingir os 120 associados, tornando-se assim na maior associação do sector de transportes de passageiros em autocarros. Em entrevista ao Publituris, Rui Pinto Lopes, presidente da ARP, explica que outros objectivos a associação delineou, bem como as dificuldades e obstáculos que ainda têm de ultrapassar.

Quais os objectivos da ARP?

Defendemos os interesses dos associados conseguindo preços vantajosos em algumas áreas, nomeadamente seguros e combustíveis. Também oferecemos protecção jurídica. Damos conta de todas as alterações que surgem no ramo, não só a nível jurídico, mas também noutras áreas. No fundo funcionamos como um centro coordenador.

Como surgiu a ARP?

A ARP demorou cerca de um ano e meio a ser criada. Surgiu de uma ideia de vários empresários que se sentiam defraudados nas expectativas e não tinham em quem recorrer em termos associativos, porque não se enquadravam nas associações existentes. Fez-se uma primeira reunião ainda em 2004 e a partir daí houve vontade das empresas para se constituir a associação. Fez-se uma comissão ad-hoc, criaram-se os estatutos. A assembleia tomou posse em Janeiro de 2006 e termina o seu mandato em Janeiro de 2009.

Até agora o que é que já fizeram pelos voos associados?

Tivemos também de dar formação aos motoristas para o transporte colectivo de crianças. Temos ajudado os nossos associados na aquisição de combustível e de seguros. Conseguimos preços que só estão acessíveis a grandes empresas, o que vai facilitar muito a vida dos associados, vai contribuir financeiramente para a melhoria das empresas, assim como, um assunto que tem passado despercebido, que é a protecção jurídica. As leis têm alterado inenso nos últimos dois anos. Houve alterações importantíssimas como foi a lei que veio alterar as disposições em termos de horário de trabalho dos motoristas. O mesmo aconteceu com a lei do transporte colectivo de crianças, que veio alterar profundamente as condições das empresas que fazem este tipo de serviços porque deixaram de poder trabalhar com autocarros com mais de 16 anos, nem podem transportar as crianças como o faziam até aí. A associação deu cursos técnicos e ações de formação um pouco por todo o país. Tudo isto veio permitir que mais empresas se fizessem associadas.

Quais as maiores dificuldades que os autocarristas enfrentam com a actual legislação?

As condições do mercado foram alteradas sem haver estudos profun-



Rui Pinto Lopes é o presidente da ARP - Associação Rodoviária de Transportadores Pesados de Passageiros

dos das consequências. Naturalmente que se procura muitas vezes o melhor para o utente, estou perfeitamente de acordo, mas achamos que tem havido, por parte do Estado e de algumas instituições, demasiado slow-off em relação a certas alterações à lei que regulamentam o transporte colectivo de crianças. Nós concordamos na íntegra. Mas pomos objecções aos lobbies que vieram desvirtuar esta lei.

Ninguém referiu que os táxis, por exemplo, que também fazem o transporte de crianças, foram excluídos nesta lei. O lobbie dos táxis funcionou. Os táxis também deveriam ter uma série de requisitos, como têm os autocarros. Outra coisa que me parece mal é que foi uma lei que tanto impacto mediático teve e muito se tem falado, só que se esqueceram que foi aplicada só ao transporte colectivo de crianças em transporte contratado. Isto quer dizer que todas as outras crianças que vão para a escola na chamada carreira estão completamente fora da obrigatoriedade desta lei.

Sentimo-nos julgados porque as empresas de serviço contratado tiveram de cumprir a lei e todos os outros fazem o transporte de crianças de uma forma completamente anárquica. É uma lei que devia ser igual para todos, mas não é. É neste ponto que fazemos pressão e mostramos a nossa insatisfação.

Que actividades têm planeadas para 2008?

Vamos continuar a apostar forte na formação dos colaboradores, vamos levar a cabo seminários técnicos, para ajudar os nossos associados a evoluírem. Temos também um projecto para tentar, junto da tutela, fazer algo que até agora ninguém fez: se nós investimos em autocarros mais modernos achamos que quem usa autocarros de última geração devia ter ter vantagens: pagar menos impostos na aquisição, devia ter acesso a combustíveis mais baratos e porque não portagens com desconto por utilizar um autocarro que polui menos? Também se fala muito do gasóleo profissional e nós queremos fazer

parte do projecto, que é algo que se espera que vá surgir brevemente. Temos projectados alguns estudos, nomeadamente do custo por quilómetro que os autocarros têm, que é algo que uma empresa pequena não tem condições para levar a cabo.

Estamos também a fazer um contrato colectivo de trabalho para apresentar aos sindicatos brevemente. Estamos também a tentar levar a cabo um código de conduta do condutor. Temos um vastíssimo leque de escolhas de acções que temos levar a cabo para que os nossos empresários saiam mais credibilizados, mais fortes, num momento que não é um momento muito agradável para o país e nós queremos fazer parte da solução e não do problema.

Quais as principais conclusões da vossa convenção?

A convenção realizou-se a 26 e 27 de Janeiro. Este ano foi em Bragança porque somos a favor da descentralização. Tivemos oportunidade de termos presente o presidente da câmara de Bragança e o representante da Região de Turismo. O primeiro desafio é precisamente o contrato colectivo de trabalho e também sobre a questão dos horários de trabalho dos motoristas. Um dos maiores desafios passou por debater a mudança de horários e o desafio que vai ser a introdução deste contrato colectivo de trabalho.

Que balanço fez da vossa passagem pela BTL?

Pela primeira vez, uma associação de autocarros esteve na BTL. Estivemos com stand próprio e foi um sucesso. Estivemos a divulgar a associação e os nossos associados aos operadores turísticos, aos operadores de viagens, nacionais e estrangeiros. Neste momento estamos já a pensar em voos mais altos. Estamos a desenvolver contactos para podermos estar presentes, ainda em 2008, na WTM, em Londres e em 2009 deixaremos o caminho aberto à nova direcção que vier para estarmos presentes na BTL e na FITUR. ■